

Prefácio a *Coisinhas de adultos*

A publicação de *Erótica Pornográfica*, em 2007, anunciava o surgimento de um poeta como poucos há na contemporaneidade. Com efeito, em oposição à maior parte das tendências coevas, J. J. Sobral emergia como um autor que se dedicava a abordar o temário erótico-pornográfico sem recorrer à exploração gratuita do choque (o que, paradoxalmente, tende a redundar numa gritante ingenuidade) e ao uso abusivo do calão (o que não raro denuncia uma carência vocabular); longe dessas mais frequentadas vias, Sobral nos apresentava uma obra consistente, produzida com notável apuro formal e afeita a um veio lírico raramente contemplado nos tempos atuais: a poesia popular, que em Portugal conta com representantes do nível de António Maria Eusébio, O Calafate, e António Aleixo, aliás citados na versificada introdução ao volume.

Quatro anos após a publicação daquela primeira obra impressa (o que não impediu o desenvolvimento de diversos projetos, que sem dúvida contribuíram para a elaboração do novo livro), J. J. Sobral traz a lume este *Coisinhas de adultos* -- volume que, afortunadamente, a um só tempo confirma as virtudes poéticas que anteriormente exibira e revela novas faces de seu repertório criativo. Com efeito, são significativas as diferenças que essa nova obra apresenta, em contraste com *Erótica Pornográfica*.

Em primeiro lugar, merece destaque o trato formal. Se anteriormente Sobral já expusera a inventividade que lhe permitira empregar, com ótimos resultados, a estrofação em quadras tão presente na poesia popular, desta feita não apenas retoma essa trilha — reafirmando um perfeito manejo dessa antiga forma — como também apresenta, para o mesmo poema, uma versão metrificada de modo mais livre; desse modo, é possível perceber que sua desenvoltura rítmica, já notável pelas variações constantes dos quartetos em metro fixo, é algo intrínseco ao seu estro. Evidentemente, a diferente opção formal suscita uma expressão distinta, o que se manifesta no livro de J. J. Sobral por meio das particularidades empregadas para a disposição do discurso poético em cada uma das versões; percebe-se, por exemplo, o manejo das construções paralelísticas, que na versão em métrica livre proporcionam ao poema uma cadência discursiva e desempenham um papel

estrutural na composição narrativa — elementos que, na variação metrificada, são resolvidos no âmbito das estruturas formais.

Em segundo lugar, importa destacar o uso, no poema, de um vocabulário específico: aquele que transfere para a linguagem amorosa termos afeitos ao falar infantil — o que desempenha uma função fundamental na dinâmica expressiva, uma vez que compõe um contraste entre o tom ingênuo (proporcionado pelas escolhas léxicas e pelo largo uso dos diminutivos) e o propósito malicioso (reforçado pela intensificação da intenção lasciva perceptível por uma leitura em série dos poemas). Não obstante, para além disso é preciso inscrever essa opção no âmbito mais amplo constituído pelo projeto poético de J. J. Sobral: são diversos os poemas de *Erótica Pornográfica* que explicitam uma minuciosa pesquisa do vocabulário sexual, mormente aquele relacionado à designação das partes corporais ou das diferentes funções assumidas pelos agentes da relação carnal; *Coisinhas de adultos* leva além esse trabalho de recolha e utilização literária de termos próprios da linguagem dos amantes.

Uma terceira mudança diz respeito menos à forma dos textos do que ao modo como são ordenados. Embora *Coisinhas de adultos* constitua, como *Erótica pornográfica*, uma espécie de registro cronístico-poético do *ethos* sexual contemporâneo (o que já constitui um notável diferencial da obra de J. J. Sobral em comparação com a maior parte dos poetas contemporâneos que se dedicam ao temário erótico, aos quais meramente interessa a crua figuração do encontro carnal), se o livro de estreia agrupava em seções poemas dedicados aos diversos elementos do intercurso amoroso, assim proporcionando um valioso conjunto de figurações líricas, o mais recente volume nos convida a uma leitura sequencial, de modo a paulatinamente nos fazer penetrar no íntimo espaço dos amantes — por intermédio, não é bastante ressaltar, da linguagem artisticamente elaborada.

Recorrendo a uma brevíssima perspetivação histórica, podem-se mencionar algumas obras que desenvolvem propostas afins ao livro de J. J. Sobral. A já suposta ambiguidade da referência ao *passer* de Lésbia na lírica catuliana — num *corpus* poético em que o tom de exacerbada afetividade foi alvo de inúmeras imitações ao longo da história — foi explorada nas traduções que Almeida Garrett fez dos poemas do vate latino, em que não hesitou ao empregar termos como

"pardalzinho" e "avezinha", explorando uma dicção na qual o uso dos diminutivos compunha um tom pleno de intimismo e afabilidade; na poesia brasileira, é inevitável não pensar na obra de Hilda Hilst — mais especificamente n'*O caderno rosa de Lori Lamby*, talvez o livro em que a exploração do potencial erótico da linguagem infantil atinge o ponto culminante.

Ut pictura poesis: o pintor António Galrinho, ao fazer-se o poeta J. J. Sobral, deslocou para o texto a principal questão que aborda nas telas — a condição humana (não é à toa que uma considerável parte das suas séries pictóricas é dedicada a retratos — que, algumas vezes, são recriações de fotografias ou das obras de grandes mestres). Há, portanto, uma consistência profunda entre suas produções escritas e pictóricas, sendo isso um claro indício de que respeita a condição fundamental do verdadeiro artista: cria movido não por caprichos, mas por uma necessidade incontornável de compreender o mundo. Por não se dedicar à crua e fragmentária representação da sensualidade; por, mais que isso, constituir o registro da configuração histórica de uma dimensão fundamental do comportamento humano, *Coisinhas de adultos* constitui mais um passo na busca desse impossível objetivo.

Rio de Janeiro, agosto de 2011

Henrique Marques-Samyn